

Crítica à inobservância dos preceitos da cavalaria em *A Canção dos Nibelungos*

VALÉRIA SABRINA PEREIRA
Universidade de São Paulo
Brasil

A Canção dos Nibelungos é uma espécie de epopeia heroica, cujos manuscritos mais antigos foram produzidos no final do século XII. Sua história remonta a tradições orais da época da Migração dos Povos no séc. V. Em 406, os burgúndios atravessaram o rio Reno e estabeleceram um reinado em Worms, situação que perdurou até o ano de 436, quando, sob o comando de Gundahar, eles foram derrotados pelos hunos que lutavam em nome dos romanos. Embora Átila não estivesse presente na referida batalha, *A Canção dos Nibelungos* foi moldada com base nas versões orais que se divulgaram dessa história. Gundahar tornou-se Gunther, o rei dos burgúndios, e Átila foi representado por Etzel. Muitas das personagens podem ser identificadas a figuras históricas da época; já outras, como Siegfried e Brünhild, são míticas, sem ligação com figuras históricas.

Quando a epopeia de tradição oral foi registrada em seus primeiros manuscritos, a história e as personagens foram adaptadas segundo valores e costumes cortesês e cavaleirescos. Apenas Siegfried e Brünhild mantiveram seus traços míticos. Siegfried guardou sinais míticos dessa narrativa anterior, como o fato de ter matado o dragão e se banhado em seu sangue, enquanto Brünhild governava Isenstein sozinha, dotada de uma força descomunal. Ambos foram anulados na primeira metade da obra – Siegfried seria assassinado e Brünhild perderia sua força –, o que deveria auxiliar a restauração da ordem natural. Contudo, os conflitos persistem no segundo tomo, quando as transgressões passam das figuras míticas para os burgúndios, que assumem posição heroica e nada cavaleiresca. A tragédia narrada no segundo tomo, porém, não é mais do que uma consequência dos atos que se desenvolveram até então.

Há um certo consenso na crítica da atualidade de que a tragédia teria sido ocasionada pela interferência de regras do “amor cortês” que são espelhadas na epopeia, como pode ser observado na afirmação de Brandt: “Não é, contudo, apenas o amor cortês, mas a ligação entre o amor cortês e a problemática do poder, como ela predetermina o esquema do pedido de casamento, que causa, no final, a morte de Siegfried.”¹ Assim, o que marcara a sorte de Siegfried seria o momento no qual ele se afirma vassalo de Gunther para auxiliá-lo em sua empreitada – condição que condiz com as regras do amor cortês, pois anteriormente ele havia se colocado repetidas vezes em posição inferior a Kriemhild, sua pretendida. É

1 “Es ist jedoch nicht nur die Minne, sondern die Verknüpfung zwischen Minne- und Herrschaftsproblematik, wie sie das Brautwerbungsschema vorgibt, die den Tod Siegfrieds letztendlich verursacht.” Marten Brandt, *Gesellschaftsthematik und ihre Darstellung im Nibelungenlied und seinen hochmittelalterlichen Adaptationen*, Frankfurt, Peter Lang, 1997, p. 23.[Todas as traduções do artigo são de minha autoria].

interessante notar que, do ponto de vista do narrador, Siegfried *é o único isento de culpa. Nenhum verso delega a ele culpa pelo massacre seguinte a seus atos; pelo contrário, quando os homens de Gunther se posicionam contra o herói, o narrador comenta: “Assim os heróis se declararam seus inimigos sem que ele tivesse culpa”* (869, 4)². Em compensação, o livro já se abre afirmando que muitos homens ainda morreriam por Kriemhild, voltando a mencionar as mortes ao apresentar o desejo do rei Gunther de conquistar Brünhild, apesar de ele não ter as qualificações necessárias para vencê-la. Após a descrição das competições que deveriam ser realizadas contra a amazona, seguem-se as palavras: “A jovem mulher fez isso inúmeras vezes. / No Reno, um nobre cavaleiro ficou sabendo disso, / e voltou seus pensamentos à jovem dama. / Por isso, heróis perderiam, mais tarde, suas vidas.”³ (328). O que realmente definiria o ocaso dos burgúndios seria o fato de Gunther ser um rei fraco e manipulável. Fraco, por depender de Siegfried para obter a mão da própria esposa; manipulável, por agir guiado por Hagen, sem ouvir o próprio bom senso.

Quando Kriemhild afirma que Brünhild se entregara a Siegfried em suas núpcias, este se compromete a castigar sua esposa e Gunther reconhece a inocência do herói, embora se decida pela morte do cavaleiro. Como pontua Irmgard Gephart⁴, a decisão de Gunther *não é irracional, pois ele pondera a situação, reconhece o valor da aliança de Siegfried para seu reinado e só o condena quando Hagen esclarece que a morte de Siegfried é possível:*

O rei disse: “Deixei o ódio assassino. / Ele [Siegfried] nasceu para nossa honra e sorte. / Além disso, este homem extremamente corajoso é tão terrivelmente forte: / se ele notasse alguma coisa, ninguém ousaria vencê-lo.” // “Não”, disse então Hagen, “Devereis manter silêncio sobre isso. / Estou certo de que poderei preparar tudo em segredo: / ele irá se arrepender do pranto de Brünhild. / Eu sempre serei seu inimigo.” // Então, o rei Gunther disse: / “Como isso pode acontecer?” // E Hagen respondeu: “Eu quero explicar-vos. / Mandaremos mensageiros que ninguém conhece aqui vir a estas terras e declarar guerra. // Então direis diante dos convidados que vós e vossos homens desejais partir para a guerra. / Quando isto tiver sido feito, / Siegfried oferecer-vos-á seu auxílio; assim ele perderá a vida. / Dessa maneira, sua mulher nos desvendará o segredo de sua vulnerabilidade. // O rei seguiu o maldoso Hagen, seu vassalo. / E os guerreiros iniciaram essa grande traição, / antes que alguém notasse. / Muitos heróis ainda morreriam devido à briga das duas damas⁵. (872 – 876)

Como em todos os momentos cruciais da primeira metade do livro, o rei é manipulado pelos conselhos de outros e parece não ter vontade própria. Note-se que a atuação de Hagen também não é elogiada pelo narrador, que o designa por “maldoso”.

Há uma tendência de parte da crítica em classificar Hagen como o vassalo ideal, que age sempre tendo em vista seu suserano; suas atitudes, porém, são descritas pelo narrador como cruéis. Afirma-

2 “dô heten im die helde âne schulde widerseit”. Todas as citações foram tiradas da versão A/B do livro, organizada por Karl Bartsch e Helmut de Boor. *Das Nibelungenlied*, Stuttgart, Philipp Reclam, 1999.

3 “Des het diu juncfrouwe unmâzen vil getân. / daz gehôrte bî dem Rîne ein riter wolgetân, / der wande sîne sinne an daz scoene wîp. / dar umbe muosen helde sît verlîesen den lîp”.

4 V. Irmgard Gephart, *Der Zorn der Nibelungen*, Köln, Weimar, Wien, Böhlau Verlag, 2005, p. 82.

5 “Der künic sprach: ‘lât belîben den mortlîchen zorn. / er ist uns ze saelden unt zu êren geborn. / ouch ist sô grimme stark der wunderküene man: / ob er sîn innen wurde, sô torste in niémén bestân.’ // ‘Nein er’, sprach dô Hagene. ‘ir muget wol stille dagen. / ich getruwez heinlîche alsô wol an getragen: / daz Prûnhilde weinen sol im werden leit. / jâ sol im Hagenen immer wesen widerseit.’ // Dô sprach der künic Gunther: ‘wie mac daz ergân?’ / des antwurte Hagene: ‘ich wilz iuch hoeren lân. / wir heizen boten rîten zuo z’uns in daz lant / widersâgen offenlîche, die hie niemen sîn bekannt. // Sô jehet ir vor den gesten, daz ir und iuwer man / weller herveten. Alsô daz ist getân, / sô lobt er iu dar dienen; des vliiset er den lîp. / so ervar ich uns diu maere ab des küenen recken wîp.’ // Der künic gevolgete übele Hagenen, sînem man. / die starken untriuwe begonden tragen an, / ê iemen daz erfunde, die ritter ûz erkorn. / von zweier vrouwen bâgen wart vol manic helt verlorn.”

-se que, na segunda parte da obra, os burgúndios representam o ideal heróico: afastam-se de regras cortesãs e cavaleirescas, mas continuam seguindo determinado molde ético. Um dos mais importantes representantes dessa teoria é Jan-Dirk Müller⁶, e há até mesmo uma tese sobre ética que toma Hagen como exemplo máximo em *A Canção dos Nibelungos*⁷. O curioso é que, quando as mesmas cenas são analisadas por autoras femininas, como por exemplo Irmgard Gephart⁸ ou Marianne Wynn⁹, essa teoria sobre o “heroico” não encontra repercussão e a ênfase é dada apenas à vileza dos atos de Hagen, cuja crueldade costuma ter pior foco a rainha Kriemhild.

Hagen assassina Siegfried de maneira covarde, sem oferecer-lhe possibilidade de defesa. Além disso, mesmo depois da morte do herói e da suposta vingança pelo desagravo a Brünhild, Hagen persiste agindo de maneira vil. Ao contrário dos hábitos da época, ele não envia um mensageiro à frente do grupo para alertar Kriemhild da morte de seu marido, mas faz com que o corpo de Siegfried seja depositado diante do quarto da dama, a fim de que ela própria o encontre ao amanhecer. Tal atitude não tem nenhuma função de servir ou proteger o rei, mas apenas de afrontar e aumentar a dor de Kriemhild. Ao descrever essa ação, o narrador menciona o “orgulho” de Hagen¹⁰ (1003, 1), sem que haja qualquer referência a sua fidelidade ao rei.

Mesmo depois de causar tanto sofrimento à dama, Hagen ainda visa a obter mais poder através dela: “Então o herói de Tronje disse: ‘Se conseguísseis / reconquistar a amizade de vossa irmã, / o ouro dos Nibelungos chegaria a estas terras. / Nós ganharíamos muito se a rainha voltasse a se afeiçoar a nós”¹¹. (1007) A reconciliação com Gunther tem o efeito desejado por Hagen, mas Kriemhild *não divide o tesouro com os irmãos. Temendo o crescimento do poder de Kriemhild*, Hagen convence Gunther, ainda que de modo relutante, a permitir que ele se desfaça do tesouro de sua irmã, jogando-o no Reno. A ação é condenada pelos irmãos, mas nenhuma atitude é tomada contra Hagen (1139).

A segunda metade do livro é iniciada com a empreitada de Rüdiger, vassalo de Etzel, em conseguir a mão da viúva para seu suserano. A notícia entusiasma os irmãos de Kriemhild, que acreditam que isso poderia alegrá-la novamente, e só encontra recusa em Hagen, cujos clamores, desta vez, não têm aceitação. É interessante notar que a discussão não se resolve entre Hagen e Gunther. Quando o impasse surge, são os irmãos do rei, Gernot e Giselher, que não se curvam aos apelos de Hagen. Gunther faz-se ausente nessa discussão e volta a ser mencionado apenas no final, quando concorda com os irmãos (1207 - 1214). Em todos os momentos de decisões de grande importância, o rei Gunther mostra-se totalmente suscetível à opinião de terceiros e não toma decisões próprias, sugerindo sua incapacidade de governar¹².

Ao ser informada sobre o desejo de Etzel de desposá-la, Kriemhild o rejeita veementemente, não apenas por não poder ser feliz ao lado de qualquer outro homem, mas porque seria vergonha uma mulher cristã se unir *a um pagão*. Rüdiger rebate esse argumento com a seguinte afirmação: “Ele tem tantos

6 Jan-Dirk Müller, *Das Nibelungenlied*, Berlin, Erich Schmidt Verlag, 2002.

7 John Mack Simpson, *The Ethic of the Heroic Warrior: Beowulf, The Nibelungenlied, and The Chanson de Roland* [Doutorado em Filosofia], Faculty of the Graduate School of The University of Texas at Austin, Texas, 1975, 165 folhas.

8 I. Gephart, *op. cit.*

9 Marianne Wynn, *Hagen's Defiance of Kriemhild*, In: *Medieval German Studies*, London, University of London, 1965, pp. 104 -114.

10 “übermüete”

11 Dô sprach der helt von Tronege: “möht ir daz tragen an, / daz ir iuwer swester ze vriunde möhtet hân, / sô koeme ze disen landen daz Nibelunges golt. / des möht ir vil gewinnen, würd' uns diu küneginne holt.” (1007)

12 V. Müller, *op.cit.*, p. 80.

guerreiros de fé cristã, / que vós jamais sofrereis ao lado do rei. / Quem sabe conseguireis convencê-lo a se batizar?”¹³ (1262, 1-3)

O possível batismo não volta a ser mencionado e *não representa questão de relevância na segunda metade do livro*. Como aponta Boor¹⁴, Etzel representa um princípio ideal, apesar de sua religiosidade:

Etzel é [...] representante não apenas de uma atitude, mas de um princípio ideal. Que ele o possa ser, sem que a fonte religiosa dessa atitude e desse princípio seja questionada e ponderada, mostra com toda a clareza a origem germânica pré-cristã dessa imagem de Átila. Apenas na esfera heroico-germânica os impulsos da ação moral estão tão distantes do religioso. Seria inimaginável afastar a imagem religiosa-cristã de Artur ou Carlos Magno.¹⁵

Nas versões germânicas, Átila tende a ter uma imagem mais positiva, ao contrário das narrativas nórdicas, nas quais ele é marcado por ganância e crueldade. Entretanto, a questão de seu paganismo é contraditória nos diferentes registros de *A Canção dos Nibelungos*. Aqui está sendo apresentada a chamada versão A/B da epopeia, que reúne dois manuscritos com a versão considerada a mais antiga. Já na versão C¹⁶, marcada por uma figura mais branda de Kriemhild, Rüdiger afirma que Etzel *não é* pagão de fato: “Ele não é realmente um pagão, isso eu vos asseguro. / Sim, meu querido senhor já foi batizado, / mas ele se afastou da fé cristã mais tarde. / Senhora, se vós o amásseis, então ele poderia ser ajudado”¹⁷. (1284) Há antecedentes dessa versão em *Vita Memorii* e em *Sente Servas* de Veldeke, e é justamente por causa dessa relação que o manuscrito C foi datado como sendo do século XIII¹⁸. Embora também na versão C não haja tentativas posteriores de converter Etzel, o fato de Kriemhild *não se casar com um pagão completo pode auxiliar na tentativa de desculpar seus atos nessa segunda parte da canção*. Já em outra obra da tradição, *Diu Klage* (O luto), Etzel desaparece por inteiro e o narrador afirma não ter informações sobre ele (KI 4326). Assim, em documentos de uma mesma tradição, apresentam-se três formas de encarar o pagão Etzel: esquecê-lo por completo; perdoá-lo, porque, apesar de pagão, ele teria sido batizado; e uma certa indiferença em relação ao assunto, já que sua convivência com muitos cristãos seria suficiente para classificá-lo como bom homem.

Quando os burgúndios são convidados por Etzel às festas de solstício, o orgulho de Hagen sela a sorte do grupo. Embora ele soubesse do desejo de vingança de Kriemhild e do fato de ele ser o alvo, aceitou acompanhar seus senhores apenas para provar coragem, sem ponderar as possíveis consequências para todos:

Hagen era favorável à viagem, mas ele se arrependeria disso mais tarde. // Ele teria cedido se Gernot / não o houvesse tratado com descortesia: / ele recordou Hagen de Siegfried, marido de Kriemhild. / Ele disse: “Por isso,

13 “Er hât sô vil der recken in kristlîcher ê, / daz iu bî dem künige nimmer wirdet wê. / waz ob ir daz verdienet, daz er tóufet sînen lîp?”

14 Helmut de Boor, *Das Attilabild in Geschichte, Legende und heroischer Dichtung*, In: *Neujahrsblätter der Literarischen Gesellschaft Bern*, N.F. 9, pp. 3-45, 1932, p. 16.

15 “Etzel ist [...] Träger nicht nur einer Gesinnung sondern eines idealen Prinzips. Daß er es sein kann, ohne daß die religiöse Quelle dieser Gesinnung und dieses Prinzips erfragt und bedacht wird, zeigt mit aller Deutlichkeit den vorchristlich germanischen Ursprung dieses Attilabildes. Nur in germanisch-heroischer Sphäre liegen die Impulse sitlichen Handelns so außerhalb des Religiösen. Weder Arturs noch gar bei Karl wäre es bedenkenbar, das religiös-christliche Moment aus ihrem Bilde fortzudenken.”

16 Cito aqui da seguinte edição: Ursula Schulze (Org), *Das Nibelungenlied. Nach der Handschrift C*, Düsseldorf und Zürich, Artemis & Winkler Verlag, 2005.

17 “Ern ist niht gare in heiden, des sult ir sicher sîn. / ja was vil wohl becheret der liebe herre min, / wan daz er sich widere vernogieret hat. / wolt ir in, frowe, minnen, so mohte sin noch werden rat.”

18 V. Walter Falk, *Das Nibelungenlied in seiner Epoche*, Heidelberg, Carl Winter Universitätsverlag, 1974, p. 188.

Hagen *não deseja participar da grande viagem à corte.*” // *Então* Hagen von Tronje disse: “Não é por temor que eu *não faço isso.* / *Se assim desejardes*, guerreiros, podeis iniciar os preparativos. / Eu os acompanharei com prazer às terras de Etzel”¹⁹. (1511, 4 – 1513, 3)

Hagen persiste agindo com vilania mesmo a caminho das festas de solstício. Quando encontra as ondinas no rio Meno, elas preveem que todos naquela viagem morrerão, exceto o capelão. Para provar que estão erradas, Hagen joga o capelão no rio durante a travessia, com a intenção de matá-lo afogado, mas ele se salva. Embora a obra não economize menções a rituais religiosos, eles não parecem servir para honrar a Deus, são apenas pano de fundo para desagravos. Como exemplos, há o caso da discussão entre as rainhas às portas da igreja, em que elas desejam provar a importância de cada uma; e na segunda parte, os burgúndios atendem à missa armados. A Cristandade não serve para corrigir suas ações, a Igreja é pouco respeitada e Hagen *só clama o nome de Deus quando se enfurece porque os homens de Gunther estão vestindo seus melhores trajes para ir à missa*: “Meu caros senhores, parentes e vassalos, / *vós deveis ir solícitos à igreja / e lá orar por seu temor e sofrimento, / e estais certos de que a morte se aproxima*”²⁰. (1855) O cavaleiro utiliza o nome de Deus como ameaça, o qual voltará a ser mencionado mais tarde, quando Gernot pede que Etzel tenha piedade (2105), e diversas outras vezes, sempre relacionado à morte próxima ou à falta de chances de sobreviver, pois Ele seria o único capaz de mudar o destino nefasto imminente.

Hagen *não respeita a Igreja da mesma forma que não respeita a senhora daquelas terras, antes mesmo* de ela oferecer-lhe perigo real. Quando Kriemhild passa por Hagen, ele se recusa a levantar-se, apesar de aconselhado por Volker a fazê-lo, pois o respeito à rainha traria honra para eles próprios (1780)²¹. Hagen *não apenas se recusa a levantar-se*, como ainda dispõe a espada de Siegfried em seu colo, recordando a ela sua dor, assumindo abertamente a culpa pela morte do marido e, portanto, desafiando-a.

Dentro dessa constelação de ataques e desagravos, Etzel destaca-se como contraponto. Sua atitude não indica o caminho da violência, pois costuma ser ponderado mesmo quando os desagravos se desenham diante de seus olhos.

À *chegada dos burgúndios*, Etzel fica feliz por ver Hagen, pois é informado que se trata do filho de Aldrian, um de seus vassalos. Hagen von Tronje havia sido criado nas terras de Etzel (1755 - 1757); contudo, não parece ter qualquer intenção de honrar o lugar onde cresceu. Repetidas vezes descreve-se como Etzel havia sido excelente anfitrião. Por exemplo, no final da 30ª aventura: “Muito raramente se ouviu falar / de saudações tão grandiosas quanto as que os heróis receberam. [...] Nunca um anfitrião se sentou de forma mais suntuosa com seus hóspedes. / Havia comida e bebida em grandes quantidades. / Os hóspedes recebiam prontamente tudo que pedissem”²². (1816, 2-3; 1817, 1-3) Essas descrições não apenas demonstram que Etzel os recebeu de braços abertos, mas também o apontam como homem extremamente poderoso, com condições de oferecer festas tão elevadas.

19 “Hagen riet die reise, iedoch geróuw éz in sít. // Er hetez widerrâten, wan daz Gernot / mit ungefuoge im alsô missebôt: / er mant’ in Sîfrides, vroun Kriemhilden man. / er sprach: ‘dâ von wil Hagene die grôzen hovereise lân.’ // Dô sprach von Tronege Hagene: ‘durch vorhte ich niht entuo. / swenne ir gebietet, helde, sô sult ir grîfen zuo. / ja rît’ ich mit iu gerne in Ezzelen lant”.

20 “Mîne lieben herren, dar zuo mâge und man, / ir sult vil willeclîchen zuo der kirchen gân, / und klaget got dem rîchen sorge und iuwer nôt, / und wizzet sicherlîchen, daz uns nâhet der tôt”.

21 Como aponta Ossowska, o respeito pelo inimigo também é uma importante característica cavaleiresca e ele deve ser praticado em diferentes situações. V. Maria Ossowska, *Das ritterliche Ethos und seine Spielarten*, trad. de Friedrich Griesen, Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag, 2007, p. 110.

22 “vil selten ist vernomen / von alsô hôhem gruoze, al ser die helde enpfie. [...] Ein wirt bî sînen gesteren schôner nie gesaz. / man gab in vollecclîchen trinken unde maz. / alles des si gerten, des was man in bereit”.

Os conflitos começam a ficar evidentes já na primeira ida à igreja, quando Etzel questiona por que os burgúndios carregam armas e se oferece prontamente a auxiliá-los, caso alguém os tenha ofendido (1861 - 1862); mas Hagen deseja levar o “jogo” até as últimas consequências e afirma seraquele apenas um hábito do seu lugar de origem.

O próximo desagravo é marcado pelo orgulho de Volker, que se ofende com a simples presença de um imponente cavaleiro huno:

Então eles viram um cavaleiro huno passar, / ele era cheio de si como nenhum outro. / Sim, talvez ele tivesse uma amada. / Ele cavalgava tão imponente quanto a mulher de algum cavaleiro. //Então Volker disse: “Como posso deixar isso acontecer? / Esse favorito das damas deve receber uma lição. / Ninguém pode evitar isso; trata-se da vida dele”²³. (1885 – 1886, 3)

Na disputa amigável de *buhurt*, Volker mata propositalmente o huno. Isso gera a fúria da família do vaidoso cavaleiro, que se apronta para matá-lo como vingança. Etzel, que vira claramente a cena, defende Volker e evita que a família do huno o ataque, afirmando que o cavalo tropeçara. Toda essa preocupação de Etzel é justificada ao perguntar que tipo de anfitrião seria se permitisse que matassem um convidado em suas terras (1895 - 1896). Ele é cauteloso e procura evitar qualquer tipo de conflito com os convidados. Mesmo quando apresenta orgulhosamente seu único filho e Hagen faz afirmações maldosas, de que a criança estava destinada a morrer (1918), Etzel e os outros nobres, embora profundamente feridos, não replicam, seguindo rigorosa conduta.

Etzel só se transforma quando a batalha começa de fato e Hagen mata seu filho de sete anos. Um ato tão grave não poderia ser perdoado e ele recusa-se a dar trégua aos burgúndios, presos no castelo e desejando, ao menos, poder prosseguir a batalha e morrer ao ar livre: “Agora me dizei, o que desejais de mim? / Uma trégua, mas como isso poderia acontecer // quando vós me infringistes danos tão grandes. / Vós não tereis paz enquanto eu viver: / Matastes meu filho e muitos de meus familiares! / Paz e reconciliação vos serão negadas”²⁴. (2089, 3 – 2090)

Se o assassinato de seu único filho faz com que Etzel tome posição clara contra os burgúndios, Dietrich só os enfrenta quando o vassalo de Etzel, Rüdiger, é enviado para dentro do castelo, sendo ali assassinado. A perda de um homem tão valoroso faz com que Dietrich também mande seus homens para o interior do castelo, onde morreriam, obrigando-o a interferir ativamente na questão – do que resulta o aprisionamento dos dois últimos sobreviventes, Gunther e Hagen.

Etzel, Dietrich von Bern e Hildebrand representam os homens mais retos e justos da segunda metade da canção. Dietrich e Hildebrand não se dobram aos pedidos injustos de Kriemhild e mantêm-se neutros até que haja razão forte para sua interferência. Dietrich e Hildebrand são apenas convidados de Etzel, mas auxiliam na busca de justiça, quando necessária. Da mesma forma, apesar de saberem das intenções de Kriemhild, respeitam-na enquanto anfitriã até o último momento, evitando interferir nesses assuntos.

Etzel encontra em Dietrich e Hildebrand homens de sua estirpe, que agem de acordo com os costumes cavaleirescos. Sua religião não afeta o modo como ele é apresentado, de maneira soberana, em *A Canção dos Nibelungos*; isto pode evidenciar certo contraste quando comparado aos burgúndios, que

23 “Dô sâhens’ einen rîten sô weigerlîchen hie, / daz ez al der Hiunen getet deheiner nie. / jâ moht’ er in den zîten wol haben herzen trût. / er fuor sô wol gekleidet sam eines edeln ritters brût. // Dô sprach aber Volkêr: ‘wie möht’ ich daz verlân? / jener trût der vrouwen muoz ein gepiuze hân. / ez künde níemen gescheiden; ez gât im an den lip”.

24 “nu saget, waz welt ir mîn? / Ir waenet vride gewinnen; daz kunde müelîch gesîn // Ûf schaden alsô grôzen, als ir mir habt getân. / ir sult is niht geniezen, sol ich mîn leben hân: / mîn kint, daz ir mir sluoget und vil der mâge mîn! / vride unde suone sol iu vil gar versaget sîn”.

clamam tantas vezes por Deus mas *têm um comportamento* muito dessemelhante ao que seria desejado de um cavaleiro, principalmente um cristão.

Entretanto, esse contraste não indica plena aceitação do paganismo na obra, mas sim de Etzel, que aos poucos se tornava um dos grandes heróis germânicos. Pode-se verificá-lo observando os outros hunos: poucos deles são nominados²⁵, descritos apenas como hunos ou como homens de Etzel. Essa massa de homens só costuma atender aos clamores de Kriemhild, que é obrigada a oferecer-lhes tesouros para conseguir que ajam a seu favor, frequentemente de maneira pouco honrosa. Também o irmão de Etzel, Blödel, aceita atacar os burgúndios pela recompensa de obter a mão de uma bela dama (1908). Atitude repreensível, pois os convidados não lhe fizeram mal algum e ele logo morreria por isso.

Os hunos são apresentados, de maneira geral, como facilmente manipuláveis, homens de poucas virtudes, raramente representados ao lado de Etzel, mesmo seu próprio irmão. Os hunos são, acima de tudo, homens de Kriemhild. Já a figura de Etzel permanece limpa e está muito mais ligada à dos grandes heróis Dietrich e Hildebrand, homens que atuam como colunas do universo cortês e *único referencial de uma atitude digna durante o cadafalso dos burgúndios*.

RESUMO: *A Canção dos Nibelungos* é (uma espécie de) épico alemão do séc. XII, cuja narrativa foi adaptada a códigos cortesões e cavaleirescos, apesar de remontar a tradições orais sobre a Migração dos Povos no séc. V. A aniquilação ou anulação das personagens míticas na primeira parte do épico deveria restaurar a ordem natural, mas as transgressões não cessam na segunda parte, quando os burgúndios passam a assumir a atitude heroica que era condizente com o comportamento das personagens míticas e ferem constante e repetidamente os códigos da cavalaria. Contudo, o que chama a atenção é que apenas o pagão Etzel e seus homens de confiança permanecem fiéis aos códigos cavaleirescos. Este artigo visa a contrastar essas personagens e a demonstrar a crítica à cavalaria cristã da época que deveria estar longe de se manter fiel a seus preceitos ideais.

Palavras-chave: cavalaria – migração dos povos – épico – Cristianismo – Paganismo.

ABSTRACT: *The Nibelungenlied* is (a form of) German epos from the 12th century, whose narrative was adapted to the courtly and chivalric codes, even though it had its roots in the oral traditions from the Migration Period in the 5th century. The annihilation or annulment of the mythic characters in the first part of the epos should restore the natural order, but the transgressions do not cease in the second part, when the Burgundians assume the heroic attitude that was suitable to the mythic characters' behavior and constantly act against the chivalric codes. However, an interesting fact is that only the heathen Etzel and his trusted men keep themselves faithful to the codes. This article aims to compare these characters and evidence the critic of the Christian chivalry that should be far from keeping itself faithful to the ideal precepts.

Key-words: chivalry – migration period – epos – Christianity – Paganism.

25 V. Jennifer Williams, *Etzel der rîche*, Bern, Frankfurt am Main, Peter Lang, 1981, p. 183.